

ANO 4

SÁBADO 7 DE JANEIRO DE 1871

N. 158

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITÓRIO

RUA DO OUVIDOR

22 - FEVEREIRO - 52

Trimestre
Semanal
Ano

CORTE

55000
105000
205000

Semestral
Ano
Anual

PROVÍNCIAS

112000
215000
18000



— Ah!! Então isto é o tal jornal da Luta? A que vem esse nome?
— Naturalmente por causa de um redactor que tem cara de luta cheia
— Sim! mas o outro redactor?
— O outro? — e a lata no minquante.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 7 de Janeiro de 1871.

Não sei se já lhes contaram que estamos em pleno anno de 1871.

Pois é como lhes digo !

O anno de 1870 baixou no tumulo na semana passada, carregado pelo ex-papa S. Silvestre, coveiru-mor.

Para fallar a verdade, não me deixou profundas saudades o tal fiado anno.

Se por um lado nos trouxe a terminação da *interminável guerra paraguaya* [na phrase do abalizado jurisconsulto e xistoso poeta o Dr. Pinto Junior], por outro mimoseou-nos com o começo desse cataclismo social, em que o rei Guilherme, Bismarck, Moltke e Frederico Carlos representam os primeiros papéis.

Cataclismo social, sim ! Porque incender aldeias florescentes, matar mulheres inoffensivas, crianças inocentes e anciões tão alquebrados pelos annos que já se não podem defender, não é fazer guerra, mas *assassinar*: não é pugnar pelos seus direitos, mas calcar aos pés a religião; não é desforçar-se de uma injuria, mas arremessar no abysmo da barbaria a pobre humanidade, que tão a custa tem escalado palmo a palmo o ingreme pendor da civilisação.

O rei Guilherme, até à vitória de Sedan, era quasi um heróe: depois do Sedan desceu à cathegoria de saltador.

De homem de brio que foi, enquanto combaten Napoleão e seu exercito, transformou-se em besta-fé, animal inconsciente, que trucida pelo simples prazer de ver correr o sangue, de ouvir exhalar o ultimo alento a flor de um povo generoso e nobre, que nenhum mal lhe fez e que não podia, nem devia, ser responsável pelos desvãos dos seus chefes.

O rei Guilherme não faz guerra à França; fal-a à Europa, ao mundo inteiro.

Em suas marchas vitoriosas os exercitos allemandes não passam sómente sobre pilhas de corpos mutilados, passam também sobre as folhas, rótulas e esparsas, dos mais sagrados tratados internacionaes, dos mais comesinhas principios do direito das gentes !

Novo Icaro, o rei Guilherme houve breve ter o galardão que merece.

Porém.... onde fui afinal parar, Santo Deus !

Desculpem-me os leitores.

De divagação em divagação transvici-me e vim esbarrar-me diante do hirsuto bigode do futuro (se o não é já) imperador alemão.

E lá me ficou no principio da chronica, como quem está na berlinda, o pobre anno de 1870 à espera do que me approuver dizer a seu respeito.

Vou procurar emendar a info nas seguintes linhas.

Já não é seu tempo !

Dizia eu que não me deixou intensas saudades o falecido anno, que Deus haja.

Razões particulares induzem-me a fazer esse tão pouco favorável necrologio sobre elle.

Uma rapida enumeração do que deu-me e do que deixou de dar-me bastará para provar quanto pouco prodigo foi elle para comigo.

O anno de 1870 deu-me:

Trezentos e sessenta e cinco dias utéis... e inuteis (mais inuteis do que utéis, já se sabe);

Cincoenta e duas semanas... quasi todas tão divertidas como a que se intitula *illustrada* [fação ideia!].

Oito mil setecentos e sessenta horas mais ou menos nzinguis.

Afóra isso deu-me:

Muito calor e muita humidade, cousas excellentes para fazerem nascer o desenvolver as bronchites, as pneunomias, os pleurizes, os cogumelos e outros achaques semelhantes;

Muito pó nas estradas; muita lama nas ruas; muito aperto nos bondes; muitos capoeiras na frente das bandas de musica; muitas moscas, pulgas, mosquitos, borrachudos e outras alimarias quejandas; o espectáculo de muitos casamentos, de muitos títulos honoríficos, de muitos accessos de postos e de febres intermitentes, de muitas condecorações, de muitos artigos de fundo, de um *Diario de Notícias*, quo vale por muitos, e de outras calamidades de igual magnitude.

O que elle não me deu foi isto:

Nem mais, uma libra de peso em todo meu physico; Nem uma hora mais de sono ou de simples resfio;

Nem uma sorte grande... de Espanha, quando mais não fosse;

Nem uma garoupa que me calisse do céo já assadina de forno;

Nem uma nota de dez tostões que, com o almoço calor do meu bolso, díssesse à luz uma dúzia de filhotes; ,
Nem uma rosca, sequer, das taes que nos leilões são vendidas por um conto e setecentos mil réis.

Não me deu nada, mesmo nada que melhorasse a minha sorte.

Tenho ou não razão para dizer, sem rebuço, que não me deixou no peito cavadas saudades o anno de 1870?

Cautele-o, portanto, em prosa ou mesmo em verso os que delle mereceram favores.

Eu não.

Sem ser porteiro continuo ou causa que o valha, sou pios que andam pelo toque da campainha.

Como morador do outro lado da baixia ando sempre a correr por causa do *dlin, dlin, dlin* das barcas.

Ora, se foi em todo tempo incomumido um tal viver, tornou-se elle ultimamente um verdadeiro martyrio.

Até agora havia o inconveniente de, por qualquer causa que a ninguém é dado conhecer, não andar sempre o relógio de cada um em perfeito acordão com o da ponte. Acontecia então que umas vezes deixava-se de comprar um objecto de que se carecia e ia-se deitando a alma pela buca até a estação, por pensarse que a barca estava prestes a largar, e passava-se pela decepção de ver que ainda faltavam dez ou doze minutos.

Outras vezes, consultado o relógio de algibeira, pensava-se que se tinha tempo de sobra para fazer cinco ou seis compras de miudezas, reclamadas pela família, e de atravessar o largo do Paço com todo o vagar; porém no melhor da festa, isto é: quando se estava em frente à Capella Imperial ouvia-se o mal-dito *dlin, dlin, dlin*, nuncio da partida da barca... e agora o vereis!... lá se ia o infeliz, sobrecarregado com duzia de embrulhos (qual de sei tamanho, qual de seu feitio, e todos com o propósito firme de lhe fígrem das mãos), tropeçando aqui, escorregundo acola, ruas correndo sempre, sempre... até chegar à ponte... justamente a tempo de... de conhecer que tinha perdido a barca por meio minuto!!!

Era já muito divertido, palavra de honra!

Agora, porém, ainda o é mais como passo a demonstrar em quatro palavras.

Depois que os dous Charontes da baixia do Rio de Janeiro (os Srs. Pleiss e Rainey) começaram a disputar a concorrência pública já os infelizes residentes de além-mar não tem de andar a toque de caixa sómente pelo motivo preexistente, mas também pela ganância dos dous emprezarios, que, não respeitando as tabelas por elles próprios organizadas, trazem todos e tudo em constante atropello, fazendo ouvir a sineta de alarme cinco minutos antes de que deveriam, o que obriga os freguezes a corridas inuteis.

O toque antecipado significa: "Está barca vai largar antes da outra. Aproveitem a occasião! corram! corram!"

E a gente a esbofear-se para ver depois a barca sahir seis e oito minutos depois da hora da tabella! A polícia crusa os braços.

Reinaventurada polícia!

O Sr. Dr. Eiriz, de volta de sua viagem à Europa (com licença do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho) tem proposto na Câmara Municipal diversos melhoramentos materiais para o município neutro.

Bem bom!

Voto para que seja imposta a todos os illustríssimos a obrigação de irem lavar a poeira dos olhos nas águas do Sena ou do Tâmisa.

Estou confeccionando nas horas vagas um compêndio dos caracteres nacionaes definidos em quatro palavras.

Como amostra do genero de trabalho que emprenhido ali vao algumas das definições:

Conselheiro Zacharias—doce de côco com pimenta do cheiro.

Conselheiro Sayão Lobato—Brasa instantânea.

A Reforma—bomba que já estourou.

O Mundo da Lua—por ora é noiva, virá depois a quarto crescente e mais tarde o minguante.

Furtado Coelho—Em Lisboa foi um foguete de lagrimas.

Graga (artista)—um trombone com voz de flautim.

Dr. Tavares Rios: uma gota de essência de rosas.

Conselheiro Silveira Lobo—tem infelizmente tantos irmãos!

Ismenia—uma actriz que não deve representar o papel de *Serd-fina* na comédia de *Sardou*.

A Vida Fluminense



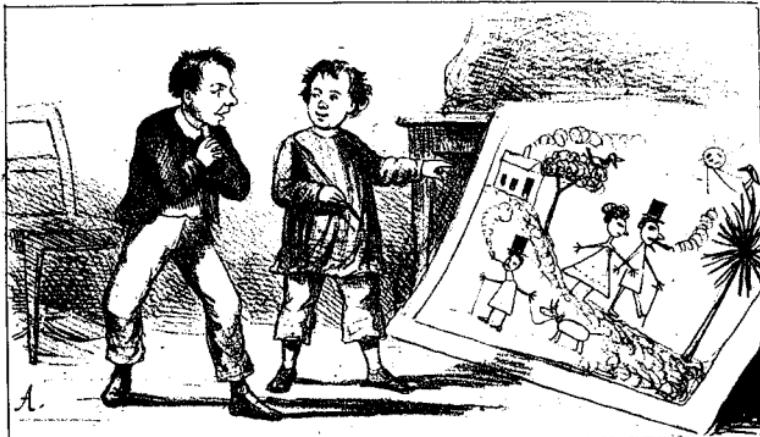
— O único lugar donde os posso enviar é em Matto-Grosso.
— Vostra Eccellenza comprehende que é lontano, e siamo poveri, non abbiamo un ventine.



Apenas de posse de 6 contos de reis que o governo dera para as despesas de viagem os reverendos sentiram de repente uma tal saudade dos macacarrenis que baterão asas para os patrios lados.

O governo, lembrou-se ma's um pouco tarde da fabula "A raposa e o Corvo".

A Vida Fluminense



- Oh! Justa como achaes este meu desenho! hein?!
- Oh! Magnifico! sublime! divino! Sabes que mais, vamos fazer um jornal ilustrado! Tu desenhas, eu escrevo, e em menos de 3 meses teremos seguramente 6 mil e tantos assignantes!

(Só assim é que se explica essa epidemia actual de jornais ilustrados)



Recentemente concedorado

— E eu que tinha tanto orgulho em ter chegado a comendador depois de 40 annos de uma vida laboriosa! Que figura faço eu agora!!

— A mesma do que aquelle menino! Ah! Ah!

Dr. Hilário de Gourda—Ex fummo dare lucum.
Dr. Ex luce dare fumum.

**
 Já leram cinco poesias de Biron a Napoleão tracuzidas por Alberto Kras?

Que fluencia, que correção de linguagem, que fidelidade na versão! Não acham?

A. DE C.

Assunto de varias cōres

A companhia lyrica em véspera de extinguir o ultimo suspiro.—O baryton Marzials transformado em claveiro.—O Alcazar e o Gymnasio, cuja lucidez deslumbra os convidados.—O Furtado, o Heller e o Guarany, em perdição.—Furtado agravando a Calourosa para carher o corte. O collegio Falleci.—O níscio da Ira.—Bons festas.

**
 A companhia italiana dá esta noite o ultimo suspiro.

Os artistas começam a entrourar a roupa, e dentro dalguns dias tencionam pôr-se.... no fresco. Se por um lado elles têm razão suficiente para abandonar um paiz, onde, na estação calmosa o theatro lyrico é quasi um impossível; não se consolam por outro, os nossos dilettanti, que já por ahi deploram, de lagrima no olho e nariz consternado, a falta do divertimento que maior predilecção lhes merecia.

Felizmente os magons passam depressa, e a pleiade luzida, que frequentava a sala do campo de Sent'Anna, em breve se espalhará pelos outros theatros, embora elles não possam oferecer-lhe emoções iguais, ás que entre nós dispertaram as audições da Africana, dos Huguenotes, do Roberto, ou do Guarany.

Assumindo as propoções de chaveiro, encarregou-se o Sr. Marzials de fechar a porta.... lyrica.

Esta circunstancia, reunida ás inúmeras sympathias de que goza o distinto cantor, e ao desejo que ainda por ahi se inanifesta, cada vez mais vehementemente, de ouvir o Guarany, é o prenúncio certo de uma noua deliciosa para os espectadores, lucrativa para o beneficiado, e agradável para todos. Basta que as couzas se passem como se passaram na serata do barytono Celestino, (onde os presentes anduram a tres por dois, e as palmas sem cotação possível) para que ninguém tenha razão de queixa.

**
 Quem lucra deveras com o fechamento das portas lyricas é Arnaud, do Alcazar, o Vallé, do Gymnasio, o Heller, da Phenix, e o Furtado, do S. Luiz.

Os dois primeiros, sobretudo, enriquecem por tal forma o pessoal artístico das respectivas *troupes*, laçam mão de repertorio tão lucido e esfuzitado, e mostram-se resolvidos a apresentar tanta novidade, que o futuro promete-lhos abundante colheita de partadas, cuja arvore, por mais que digam, não se extingue nesta abençoada terra onde, em relação ao theatro, há muito ainda a explorar.

A aquisição do Sr. Dubois, cuja estréa lhe granjeou as sympathias de um público que hoje morre por vê-lo em scena; a proxima exhibição do *Chilperic* e da *Belle Hélène*, duas operas que oferecem a Rose Marie vasto campo para a manifestação do seu esplêndido talento, e o esmero luxuoso com que mestre Arnaud tenciona pôr em scena uma peça phantastica, escripta no Rio de Janeiro e revestida de certa originalidade atraente, — prometem ao incansável director do theatro francez uma época repleta de emoções... pecuniárias.

Em relação ao Valle não erro por certo, vaticinando-lhe igual sorte. O ratão do Valle, sem ser moleiro, tem subido por tal fórmula levar a agua ao seu moimbo que se acha hoje á frente da companhia dramatica mais completa que a cõrte possee.

Ainda lhe faltam dous artistas notáveis, Joaquim Augusto e Velluti, que, de volta do Rio-Grande, por ahi andam á espera de um theatro onde hajam companhia capaz de contornalos.

Se o Valle der com elles no Gymnasio, poderá exclaran com toda a força dos pulmões *veui, vidi, et vinci de Cesar*, enjá traducção neste caso será:—*Sim senhor! tenho uma companhia de sg the tirar o chapéo!*

**
 O Heller recorre á parodia do *Guarany*, escripta por uma das penas mais habilidades a tratar assuntos daquella esphera; e o Furtado lança mão da *Calumnia* de que Deos o livre a elle, e a todos os meus leitores.

É verdade, que a *Calumnia*, de Scribe, em vez de prejudicar os emprezarios, costuma enriquecer-los; e que o publico europeu, embora teulta horror ao titlo, aplaude devéras a peça todas as vezes que ella sola á scena.

Passemos do agradável ao util.

Tenho por vezes recomendado aos pais de família que se interessam devéras pela educação de seu

filhos) o collegio de que é proprietario e director o Sr. Bernardo Falletti.

Não me cansarei de pôr em relevo as vantagens desse estabelecimento.

Além das comodidades e optima disposição do edificio, não é a instrução tratada alli como acessório.—Ensina-se bem, e devrás; sem recorrer a castigos que o bom senso hoje repreva, e a sociedade condena.

Além disso a proyada ilustração do director, e a sua longa pratica e avançada idade, garantem, em relação à educação, resultados que outros muitos estabelecimentos daquella ordem não podem, infelizmente, oferecer.

O colégio do Sr. Falletti está situado no alto de Catumby, e para quantos o tem visitado é fôra de dúvida tudo quanto acima vai dito.

* *

Surgiu à luz da publicidade o esperado *Mundo da Lua*.

Um homem, que nasceu para a caricatura, e outro que prima pela elegância da sua pena, são os fundadores dessa interessante publicação.

Bons festas a ambos, e a todos os leitores que costumam lançar suas vistosas benevolas sobre o—

Assunto de varias cores.

A. de A.

—~~—~~—~~—~~—~~—~~—

PHILOMELA

(Continuação)

• Amélia.

Recife, bordo da galera americana *Eagle*.

Perdôa-me, Amélia; sei que te vou causar um grande desgosto; também só Deus sabe o quanto me custa a arrancar da alma essa confissão dolorosa!

A franqueza, porém, é a melhor excusa, que só pode apresentar em casos tais.

No momento em que te escrevo esta carta, ondo cada palavra é a expressão fraca do sentimento que me vai pelo coração, acho-me encerrado na estreita camara do um navio, que me vai conduzir para bem longo.

Fui, Amélia, à justiça que me perssegue!

Notaste a minha ausência; suspeitaste, sem dúvida, que pela primeira vez affastava-me aborrecido do soco que te abriga a ti e a nossa filhinha!

Oh! não! Deus sabe que neste momento eu daria o resto de minha vida em troca de um dia junto de ti!

Fui, porque me acho sob o peso de um crime aviltante, e porque a minha presença ali, forçar-te-hia a chorar a cada momento!

Corar! tu! pura e santa mulher, que te sacrificaste por mim!

Não!

Deixa-me fugir, Amélia; e ir esconder bem longe de ti o sello da reprovação que tenho estampado no rosto. Deixo-te desgraçada!

Mas Deus é testemunha de que foi visando o teu bem-estar, e o do nossa filha, que me perdi.

Não me maldigas! Oh! peço-ló de joelhos; com a face rastejando pelo chão!

Quiz ser muito rico: Joguei na Praça, e perdi!

Quando me vi arruinado, uma alma infusa lembrou-me que com a moeda falsa também se enriquece.

Eu estava cego, e confiava na impunidade!

Perdi-me!

A polícia persegue-me como moleque falso, e eu fui coberto de ignomínia.

Se tivesse a coragem de que poderia morrer de vergonha ante teus olhos, iria arrojar-me aos teus pés, para poder dirigir-te ainda supplicante o meu derradeiro olhar de moribundo!

Colhem-te ao abrigo da miseria junto de teu irmão e de tua irmã!

As suas almas são boas, e elles te estimam!

Não ensines à minha filha o nome do seu pao; mas, também, não a deixes ouvir maldições contra mim!

Queres maior sacrifício?

E' uma parte do coração que se me desfaz em sangue!

Não me creias ingrato para contigo! Sei o quanto devo à tua dedicação!

Não te levo comigo, porque não tenho o direito de voltar-te por mais tempo à desgraça.

Ahi serás mais feliz junto dos teus.

A minha companhia trouxe-te sempre a desventura; deixa-me seguir sózinho o caminho dos reprobos.

De ti, quero apenas levar a consolação de que na hora da morte o teu perdão pese na balança eterna para salvar os meus pecados.

Adéus, Amélia.

Beija... beija muitas vezes a nossa filha.

Perdóa-me!!

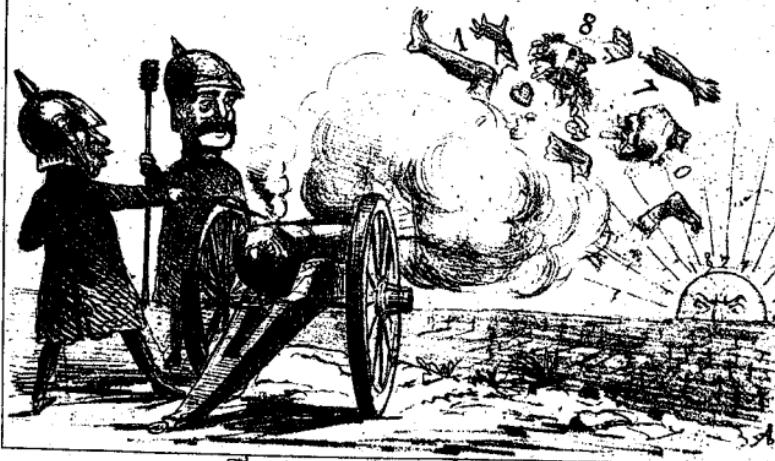
ESTRADO DA LARA.

(Continua).

A Vida Fluminense



Fim do anno 1870 (Brasil).
O Brazil grato a tantos favores recebidos, derrama ao despedir-se delle, duas lagrimas de saudade, e não esquecera nunca que tem de ser uma paz honrosa, com seu cortejo de entusiasmo popular: arcos de triunfo, barracões, atchibancadas, foguetes, poesias, et de cõs etc.



Fim desastroso do anno 1870 (Europa).
Também não ficará esquecido !!